

Galeria

artes visuais

Ferreira Gullar

A PINTURA ESPERA

A pintura, como fenômeno internacional, parece atravessar uma fase de estagnação. Ou, como querem os mais otimistas, de repouso e ruminação. De fato, era impossível manter a veiosidade de mudanças que se vinha registrando desde o fim da II Guerra Mundial.

Não acreditamos, porém, que esse repouso, tão necessário e benéfico, sobretudo para países como o nosso, que teriam assim oportunidade maior de opção própria, demore muito. Ele significa recessão no mercado de arte, queda das vendas em Paris, Nova Iorque e aqui mesmo.

Como já observamos em artigos anteriores, o jogo das novidades, no campo internacional das artes plásticas, é eliminado pela máquina de promoções que os "marchands" acionam e controlam. E esse repouso, essa repentina falta de novidade, só se dá por alguma razão inelutável que terá sido, sem dúvida, o esgotamento das possibilidades contidas na tendência que orientou a pintura nos últimos anos. De fato, o tachismo já era o último caldo daquela laranja que se começou a espremer por volta de 1900...

Mas nos departamentos de promoções das grandes galerias internacionais, os "experts" andam de um lado para o outro, insones, a buscar um novo caminho para a arte, capaz de sacudir o interesse do burguês, seu esnobismo e sua ambição de lucro fácil. Em suma, uma arte nova que surja diante de todo mundo como um bom e seguro investimento.

Faz mais de dois anos, quando o "tachismo" começava a bruxolear, escrevi que os "marchands" estavam armando, na Europa, uma "nova tendência" artística para alastrar-se pelo mundo inteiro. E que essa tendência "nova" era o velho e manjado surrealismo, furor dos anos 20 na Europa e na América. O prenúncio se fazia, no súbito interesse demonstrado pelas editoras de arte na edição de albuns sobre pintores surrealistas ou afins. Ao mesmo tempo, as galerias parisienses se

enchiam de exposições surrealistas, retrospectivas cu atuais, coletivas e individuais. Um verdadeiro renascimento!...

Mas a coisa parece que não pegou. Aqui mesmo, logo surgiram uns tímidos "inovadores" já nesse rumo, mas não deu pé. É que o surrealismo é uma linguagem excessivamente usada e abusada, com uma atmosfera e um abecedário muito característicos e datados. Não deu pé nas proporções que sonhavam seus promotores, mas sempre movimentou uma coisinha. Ainda há pouco tivemos, no Museu Nacional de Belas Artes, uma exposição dos "realistas fantásticos", de Viena, que se apresentam mesmo com os precursores, em toda a Europa, da nova tendência artística. Nada tão velho, meu Deus!

Menos acadêmico é, certamente, o movimento norte-americano da "estética do lixo" e da "pop art", com suas maletas velhas ou suas "hamburgers" de papelão tamanho gigante. Menos acadêmico, por menos subjetivos e mais desligados das técnicas tradicionais. Mas uma expressão em que o autor do protesto é também a sua vítima. Depois, uma arte sem muita condição de universalizar-se, por razões inclusive econômicas. Ninguém comprará aquelas "coisas" sujas.

E é assim que no Brasil chegamos a uma espécie de coexistência pacífica entre velhos e acérrimos antagonistas. A exposição do grupo "Novas tendências" é mais clara demonstração disso: concretistas e neconcretistas, abstracionistas líricos, tachistas, informalistas, figurativos e neofigurativos, todos agora se reúnem, como feras que perderam as presas e que agora até se acariciam, umas às outras. Sim, a verdade não estava com nenhuma deias isoladamente: estava em todas um pouquinho em cada uma...

MAM — Curso de Artes Gráficas

O Museu de Arte Moderna vai promover (início 1.º de julho) um Curso de Artes Gráficas e elementos de Comunicação Visual destinado à melhoria do nível profissional do pessoal da indústria gráfica, TV, cinema, imprensa, etc. O curso será dado pelo artista gráfico Rogério Duarte em 3 aulas semanais de duas horas, em períodos de 5 meses.

dras, e ainda é capaz de distinguir entre um potrilho e um bode sem chifres, coisa que menino de hoje, nascido e criado na zona sul do Rio, não consegue. E poderá morrer sem saber distinguir, sem ao menos ter visto nem potrilho nem bode. Já vi, no Jardim Zoológico, moça com voz e olhos de enlêvo perguntar ao namorado, apontando o aramado do búfalo: — Esse é o tal do boi? — Nem vale esclarecer que o enlêvo da voz e dos olhos era todo do namorado.

Mas essa urbe-metrópole começa a impor a sua personalidade; e Copacabana parece escolhida para símbolo dessa nova realidade que ainda não achou o seu romancista. Não achou porque o verdadeiro romancista de Copacabana não lhe notará o pitoresco, o original, o contraditório, nem achará estranho, complicado, insólito o comportamento dos seus habitantes; Copacabana será a sua própria vivência e não apenas seu tema.

O romance do Rio urbano, como o de São Paulo, terá de vir de dentro para fora, não de autor-espectador, mas de autor-ator, astro ou figurante, mas personagem.

O da favela teria nascido com Carolina, se Carolina tivesse expressão artística e o seu livro fôsse literatura e não apenas um extraordinário depoimento, válido, além de tudo, pelo material de uma linguagem primitiva, cheia de implicações filiológicas e sociais.

Mas essa busca de novos temas, essa tentativa de recriar a realidade cotidiana, é um bom sinal. O rio das letras veio vindo, cresceu suas águas chegado que foi 1928, saiu o **Retrato do Brasil**, de Paulo Prado, com braço dado com **Macunaíma**, de Mário de Andrade; logo adiante se uniram ao **Cobra Norato** de Raul Bopp e ao ufanismo decepcionado de Murilo Mendes na **História do Brasil**. Daí por diante as águas serenaram, fizeram seu caminho: itaipavas, em 1945, para o lado da poesia, um pouco de corredeira, já, então, por conta de Guimarães Rosa, quando uma nova expressão, originariamente no jeito da que fôra criada pelos modernistas, retomou todos os recursos, mobilizou tôdas as reservas — a língua portuguesa velha, a linguagem oral e sertaneja, o latim dos clássicos e o das ciências naturais,

numa colheita muito mais ampla e em muitas mais lavouras.

Agora já estamos sentindo que houve parada nas águas. O remanso se fez e, porque águas remansadas regiram, os rebojos aí estão. A busca de novos temas, misturando testemunho e invenção, invenção e testemunho (necessário êsse cruzamento para significar que os catadores de inovações ainda não encontraram a expressão dos novos temas) vêm com o reaproveitamento de temas conhecidos, revistos e reapresentados, num estruturar de novos meios expressivos.

E, por isso, os temas antigos que encontraram expressão se renovaram e aí estão, valendo e superando os atuais, ainda vestidos de expressão velha.

A literatura do Brasil é a de suas realidades, onde convergem fatores históricos, fisiográficos, sócio-econômicos. E dêsse ponto de vista a literatura regional se presta muito à demonstração. Que tentaremos.

música

Nelson Lins e Barros

MÚSICA MODERNA

(Décimo segundo e último de uma série de artigos sobre os problemas da música através de sua história).

A reação contra a burguesia, iniciada no fim do século dezanove, resultou na mais violenta revolução musical, conhecida geralmente como Música Moderna. A denominação é controversa. Os musicólogos preferem a expressão Nova Música, restringindo o movimento ao ultra-radicalismo do século vinte. A Música Moderna compreenderia apenas a música de vanguarda da segunda metade do século dezanove. É uma posição justa, principalmente no que se refere à tonalidade. Entretanto, é muito discutível definir exatamente onde começa uma revolução musical. Por isso, uma distinção, em termos, do que certamente foram duas etapas de um movimento, iria na realidade, confundir mais do que esclarecer a situação.

Prefiro a definição popular de Música Moderna que, embora menos técnica, tem a vantagem de englobar tôdas as tendências precursoras ou revolucionárias da mú-